

# INFÂNCIA SEM COPA

Meninas andam em praia do litoral Sul de Pernambuco, uma das regiões mais suscetíveis ao turismo.



» SEXO PROIBIDO

# Um país a mercê do turismo predatório

Copa do Mundo atrairá 500 mil turistas estrangeiros, entre eles muitos pornoturistas. Infância está vulnerável à exploração nas cidades-sedes

por MAURI KÖNIG  
fotos ALBARI ROSA

Quando a Copa de 2014 chegar, o Brasil terá provado ao mundo ser capaz de erguer uma dezena de odes de concreto ao esporte que o notabilizou como país do futebol. Terá estádios monumentais, mais aeroportos, metrô e avenidas. Vai dispor para isso de R\$ 27 bilhões, o equivalente a metade da economia de um ano inteiro de um país como o Paraguai, ou o Bahrein. Mas a Copa não é para todos. Uma parcela dos brasileiros já saiu percebendo, a começar pelas 170 mil pessoas ameaçadas de perder suas casas para dar lugar às obras. Há também os que ainda vão perder com a Copa, mas não sabem, e, ao contrário, pensarão estar tirando alguma vantagem.

O Brasil espera um grande movimento financeiro durante a Copa e, antes disso, com as obras de infraestrutura nas 12 cidades-sedes. Mas há uma ameaça por trás de tanta euforia: a concentração de operários nas obras, a grande movimentação de pessoas nos jogos e a circulação de dinheiro representam um risco maior às crianças socialmente vulneráveis. As redes de exploração sexual e de tráfico de seres humanos tendem a se organizar para recrutar mulheres, crianças e adolescentes para uma demanda que certamente crescerá com a vinda de mais de meio milhão de turistas, pelas estimativas do Ministério do Turismo.

### Mais vulneráveis

Quem mais vai perder é uma infância já maltratada, que ficará sem Copa e sem direitos. As condições estão postas desde há muito. Durante 45 dias, a equipe da *Gazeta do Povo* percorreu 10.500 km pela costa brasileira, passando por Rio de Janeiro, Recife, Natal, Salvador e Fortaleza, as cinco cidades-sede da Copa onde crianças e adolescentes estão mais vulneráveis ao turismo sexual, um simulacro do turismo convencional que melhor se qualificaria como turismo predatório, pelo pouco que deixa e o muito que leva. O sexo turismo existe, ainda que governos e parte do setor turístico não o reconheçam. Neste cenário de sol e mar se cruzam dois personagens da exploração sexual no turismo, numa relação desigual entre quem tem poder econômico e quem busca a sobrevivência ou uma melhor colocação socioeconômica. De um lado, o turista à procura de aventuras eróticas em lugares onde possa transgredir os padrões morais livre de hostilização e sem se submeter ao escrutínio da consciência; de outro, crianças saídas de um cenário social caótico, submetidas à miséria, ao alcoolismo, às agressões físicas e ao abuso sexual, ou, ainda, jovens de classe média atrás de recursos para melhorar o padrão de consumo.

O pornoturismo segue uma lógica de mercado. Existe porque há demanda, e o Brasil é um destino barato para quem chega de países com moeda mais valorizada do que o real. O predador sexual usa a mesma infraestrutura de outros turistas e, em geral, a atividade depende da cumplicidade por ação direta ou omissão de guias e agências de viagens, hotéis, bares, restaurantes, barracas de praia, garçons, porteiros, caminhoneiros, taxistas, prostíbulos, casas de massagem. Enquanto houver o turismo sexual, a possibilidade de ele atrair crianças e adolescentes sempre existirá. Cada cidade tem seus pontos propícios para o sexo proibido com menores de idade. No Rio, um bar sofisticado de Copacabana atende aos turistas que buscam sexo. Em maio, a Delegacia da Criança e Adolescente Víctima (Decav) recolheu dali quatro meninas de 16 e 17 anos, duas com documentos falsos. A Decav indicou três turistas dos Estados Unidos e quatro agenciadores brasileiros por exploração sexual. Nem isso fez cair o movimento de estrangeiros atrás de sexo fácil. Também é grande no local o fluxo de carros de luxo que buscam garotas de programa para levá-las às saunas, hotéis e condomínios onde os turistas as aguardam. As garotas assediadas os turistas e propõem diversos lugares para o programa. "Pode ser ali na escada, amor, ali na escada, no carro ou no motel", diz uma. "Na beira da praia?", exclama o repórter. "Não. Aqui, ó, na calçada, no calçadão", diz apontando para uma escada de acesso ao subsolo de um quiosque.

"No hotel tem que pagar 80 reais, mais o programa. Ali não, amor, ali é tranquilo", assegura. O sexo ao ar livre também é oferecido na Barra da Tijuca, bairro nobre para onde a prostituição está migrando. Ali, uma travesti adolescente propôs o programa entre os latões de lixo atrás de um quiosque fechado, ao lado do calçadão.

**"Aqui, ó, na calçada, no calçadão. No hotel tem que pagar 80 reais, mais o programa. Ali não, amor, ali é tranquilo."**

Adolescente propondo um programa sexual no calçadão de Copacabana

de um cenário social caótico, submetidas à miséria, ao alcoolismo, às agressões físicas e ao abuso sexual, ou, ainda, jovens de classe média atrás de recursos para melhorar o padrão de consumo.

O pornoturismo segue uma lógica de mercado. Existe porque há demanda, e o Brasil é um destino barato para quem chega de países com moeda mais valorizada do que o real. O predador sexual usa a mesma infraestrutura de outros turistas e, em geral, a atividade depende da cumplicidade por ação direta ou omissão de guias e agências de viagens, hotéis, bares, restaurantes, barracas de praia, garçons, porteiros, caminhoneiros, taxistas, prostíbulos, casas de massagem. Enquanto houver o turismo sexual, a possibilidade de ele atrair crianças e adolescentes sempre existirá. Cada cidade tem seus pontos propícios para o sexo proibido com menores de idade. No Rio, um bar sofisticado de Copacabana atende aos turistas que buscam sexo. Em maio, a Delegacia da Criança e Adolescente Víctima (Decav) recolheu dali quatro meninas de 16 e 17 anos, duas com documentos falsos. A Decav indicou três turistas dos Estados Unidos e quatro agenciadores brasileiros por exploração sexual. Nem isso fez cair o movimento de estrangeiros atrás de sexo fácil. Também é grande no local o fluxo de carros de luxo que buscam garotas de programa para levá-las às saunas, hotéis e condomínios onde os turistas as aguardam. As garotas assediadas os turistas e propõem diversos lugares para o programa. "Pode ser ali na escada, amor, ali na escada, no carro ou no motel", diz uma. "Na beira da praia?", exclama o repórter. "Não. Aqui, ó, na calçada, no calçadão", diz apontando para uma escada de acesso ao subsolo de um quiosque.

"No hotel tem que pagar 80 reais, mais o programa. Ali não, amor, ali é tranquilo", assegura. O sexo ao ar livre também é oferecido na Barra da Tijuca, bairro nobre para onde a prostituição está migrando. Ali, uma travesti adolescente propôs o programa entre os latões de lixo atrás de um quiosque fechado, ao lado do calçadão.

"No hotel tem que pagar 80 reais, mais o programa. Ali não, amor, ali é tranquilo", assegura. O sexo ao ar livre também é oferecido na Barra da Tijuca, bairro nobre para onde a prostituição está migrando. Ali, uma travesti adolescente propôs o programa entre os latões de lixo atrás de um quiosque fechado, ao lado do calçadão.

**"Aqui, ó, na calçada, no calçadão. No hotel tem que pagar 80 reais, mais o programa. Ali não, amor, ali é tranquilo."**

Adolescente propondo um programa sexual no calçadão de Copacabana

### Praia e sexo

Em Fortaleza, um conjunto de bares anima as noites nos arredores da Praia de Iracema, a mais badalada da cidade. "Ali é só para o turismo sexual", avisa um agente alternativo de turismo que aborda turistas no calçadão. Ele sabe do que está falando. Ainda na rua dá para ver o balançar dos corpos em movimentos insinuantes, ouvir os gritos alegres e uma música difusa e barulhenta que entra pelos ouvidos. Corpos esguios, mal cobertos, transitam entre os clientes. Pelas portas e janelas vazam nuvens de fumaça e os eflúvios de álcool. São templos de prazer fácil e fugaz, onde se consegue horas felizes com pouco dinheiro. "São todas garotas de programa", diz um dos taxistas que aguardam à porta, apontando as duas boates, uma em cada esquina. As casas simulam algum controle, mas nada que impeça a entrada de menores de idade. As ruas em frente estão coalhadas de mulheres e adolescentes à espera de clientes enquanto descançam e comem um cachorro-quente. O cenário se repete na Rua do Salsa, em Natal, onde casas noturnas para turistas se confundem com bares que se tornaram pontos de concentração de garotas de programa. Os turistas chegam por indicação de guias de turismo, barraqueiros de praia, garçons, taxistas, recepcionistas e hotéis.

Durante o dia, o assédio aos turistas se dá na Praia de Ponta Negra, a mais badalada de Natal, comum também nas praias do Meio e Rendinha. A relação das nativas com os visitantes nem sempre acaba bem. Só o Conselho Tutelar Sul atende a 10 casos de estrangeiros que brigam na Justiça pela guarda do filho que tiveram com brasileiros. Em Salvador, o turismo sexual é frequente nas praias de Itapoá e Barra, onde a reportagem entrevistou mãe e filha fazem programas com estrangeiros.

Durante o dia, o assédio aos turistas se dá na Praia de Ponta Negra, a mais badalada de Natal, comum também nas praias do Meio e Rendinha. A relação das nativas com os visitantes nem sempre acaba bem. Só o Conselho Tutelar Sul atende a 10 casos de estrangeiros que brigam na Justiça pela guarda do filho que tiveram com brasileiros. Em Salvador, o turismo sexual é frequente nas praias de Itapoá e Barra, onde a reportagem entrevistou mãe e filha fazem programas com estrangeiros.

Durante o dia, o assédio aos turistas se dá na Praia de Ponta Negra, a mais badalada de Natal, comum também nas praias do Meio e Rendinha. A relação das nativas com os visitantes nem sempre acaba bem. Só o Conselho Tutelar Sul atende a 10 casos de estrangeiros que brigam na Justiça pela guarda do filho que tiveram com brasileiros. Em Salvador, o turismo sexual é frequente nas praias de Itapoá e Barra, onde a reportagem entrevistou mãe e filha fazem programas com estrangeiros.

Durante o dia, o assédio aos turistas se dá na Praia de Ponta Negra, a mais badalada de Natal, comum também nas praias do Meio e Rendinha. A relação das nativas com os visitantes nem sempre acaba bem. Só o Conselho Tutelar Sul atende a 10 casos de estrangeiros que brigam na Justiça pela guarda do filho que tiveram com brasileiros. Em Salvador, o turismo sexual é frequente nas praias de Itapoá e Barra, onde a reportagem entrevistou mãe e filha fazem programas com estrangeiros.

## Setor carece de orçamento e política pública

O Brasil desconhece a dimensão da exploração sexual de crianças e adolescentes porque não dispõe de estatísticas a respeito. "Não se faz políticas públicas sem dados e sem orçamento", avalia a advogada especialista em direitos da infância Jalusa Silva de Arruda, da Universidade Federal da Bahia. O país carece de ambos. O único estudo do gênero é de 2002. Desde então, teatou-se em cifras ocultas, mascarando o problema com subnotificações ao lançar o pouco que se registra no pacote das "violências sexuais".

Megaeventos como a Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016 tendem a agravar essas discrepâncias devido à vinda dos pornoturistas imiscuídos no grande fluxo de turistas. "Os casos de turismo sexual, quando identificados, são enquadrados na categoria de violência sexual", observa Tiana Sento-Sé, representante no Brasil da ECPAT Internacional, organização que trabalha em 20 países no enfrentamento da exploração sexual, da pornografia, do turismo sexual e do tráfico de crianças e adolescentes.

"Os governos estão na verdade investindo na exploração sexual, uma vez que trarão um grande número de turistas sem investir em políticas públicas de prevenção", analisa o presidente do Conselho Estadual de Direitos Humanos do Rio Grande do Norte, Marcos Dionísio Medeiros Caldas. O mais grave é que estados e municípios estão ausentes das discussões, inertes nas ações e omissões em seus orçamentos, constata o Centro de Referência em Direitos Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Os governos resistem em admitir a existência do turismo sexual porque isso mancha a reputação das cidades turísticas, o que se reflete na falta de ações governamentais. Para o advogado Carlos Nicodemos, coordenador do Projeto Legal, a visão judicialista sobre o tema leva à prevalência de um sistema judiciário com viés criminalizador das vítimas. "Crianças e adolescentes expostos ao turismo sexual são na verdade vítimas de estupro", considera. A origem do problema está na falta de ações de governo que sejam capazes de protegê-las das redes de exploração. Os exemplos de descaso se espalham pelo país. No Rio de Janeiro, o Conselho Estadual de Defesa da Criança e do Adolescente tem desde 2002 um plano de enfrentamento à violência sexual. Mas só 15% das ações saíram do papel, diz Nicodemos. Os 92 municípios do estado têm Conselhos Tutelares, mas sucatados. Em Natal, os Conselhos Tutelares estão à míngua. Até julho, a prefeitura não havia feito um repasse sequer no ano e o CT Leste sobrevia das sobras de 2011. A unidade enfrentou até uma ação de despejo porque o município não havia pagado o aluguel. O repasse mensal de R\$ 14,5 mil cobre aluguel, combustível, água, luz, telefone material de expediente. (MK)

Os governos resistem em admitir a existência do turismo sexual porque isso mancha a reputação das cidades turísticas, o que se reflete na falta de ações governamentais. Para o advogado Carlos Nicodemos, coordenador do Projeto Legal, a visão judicialista sobre o tema leva à prevalência de um sistema judiciário com viés criminalizador das vítimas. "Crianças e adolescentes expostos ao turismo sexual são na verdade vítimas de estupro", considera. A origem do problema está na falta de ações de governo que sejam capazes de protegê-las das redes de exploração. Os exemplos de descaso se espalham pelo país. No Rio de Janeiro, o Conselho Estadual de Defesa da Criança e do Adolescente tem desde 2002 um plano de enfrentamento à violência sexual. Mas só 15% das ações saíram do papel, diz Nicodemos. Os 92 municípios do estado têm Conselhos Tutelares, mas sucatados. Em Natal, os Conselhos Tutelares estão à míngua. Até julho, a prefeitura não havia feito um repasse sequer no ano e o CT Leste sobrevia das sobras de 2011. A unidade enfrentou até uma ação de despejo porque o município não havia pagado o aluguel. O repasse mensal de R\$ 14,5 mil cobre aluguel, combustível, água, luz, telefone material de expediente. (MK)

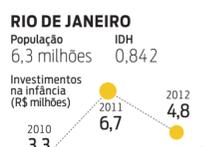
Os governos resistem em admitir a existência do turismo sexual porque isso mancha a reputação das cidades turísticas, o que se reflete na falta de ações governamentais. Para o advogado Carlos Nicodemos, coordenador do Projeto Legal, a visão judicialista sobre o tema leva à prevalência de um sistema judiciário com viés criminalizador das vítimas. "Crianças e adolescentes expostos ao turismo sexual são na verdade vítimas de estupro", considera. A origem do problema está na falta de ações de governo que sejam capazes de protegê-las das redes de exploração. Os exemplos de descaso se espalham pelo país. No Rio de Janeiro, o Conselho Estadual de Defesa da Criança e do Adolescente tem desde 2002 um plano de enfrentamento à violência sexual. Mas só 15% das ações saíram do papel, diz Nicodemos. Os 92 municípios do estado têm Conselhos Tutelares, mas sucatados. Em Natal, os Conselhos Tutelares estão à míngua. Até julho, a prefeitura não havia feito um repasse sequer no ano e o CT Leste sobrevia das sobras de 2011. A unidade enfrentou até uma ação de despejo porque o município não havia pagado o aluguel. O repasse mensal de R\$ 14,5 mil cobre aluguel, combustível, água, luz, telefone material de expediente. (MK)

Os governos resistem em admitir a existência do turismo sexual porque isso mancha a reputação das cidades turísticas, o que se reflete na falta de ações governamentais. Para o advogado Carlos Nicodemos, coordenador do Projeto Legal, a visão judicialista sobre o tema leva à prevalência de um sistema judiciário com viés criminalizador das vítimas. "Crianças e adolescentes expostos ao turismo sexual são na verdade vítimas de estupro", considera. A origem do problema está na falta de ações de governo que sejam capazes de protegê-las das redes de exploração. Os exemplos de descaso se espalham pelo país. No Rio de Janeiro, o Conselho Estadual de Defesa da Criança e do Adolescente tem desde 2002 um plano de enfrentamento à violência sexual. Mas só 15% das ações saíram do papel, diz Nicodemos. Os 92 municípios do estado têm Conselhos Tutelares, mas sucatados. Em Natal, os Conselhos Tutelares estão à míngua. Até julho, a prefeitura não havia feito um repasse sequer no ano e o CT Leste sobrevia das sobras de 2011. A unidade enfrentou até uma ação de despejo porque o município não havia pagado o aluguel. O repasse mensal de R\$ 14,5 mil cobre aluguel, combustível, água, luz, telefone material de expediente. (MK)

Os governos resistem em admitir a existência do turismo sexual porque isso mancha a reputação das cidades turísticas, o que se reflete na falta de ações governamentais. Para o advogado Carlos Nicodemos, coordenador do Projeto Legal, a visão judicialista sobre o tema leva à prevalência de um sistema judiciário com viés criminalizador das vítimas. "Crianças e adolescentes expostos ao turismo sexual são na verdade vítimas de estupro", considera. A origem do problema está na falta de ações de governo que sejam capazes de protegê-las das redes de exploração. Os exemplos de descaso se espalham pelo país. No Rio de Janeiro, o Conselho Estadual de Defesa da Criança e do Adolescente tem desde 2002 um plano de enfrentamento à violência sexual. Mas só 15% das ações saíram do papel, diz Nicodemos. Os 92 municípios do estado têm Conselhos Tutelares, mas sucatados. Em Natal, os Conselhos Tutelares estão à míngua. Até julho, a prefeitura não havia feito um repasse sequer no ano e o CT Leste sobrevia das sobras de 2011. A unidade enfrentou até uma ação de despejo porque o município não havia pagado o aluguel. O repasse mensal de R\$ 14,5 mil cobre aluguel, combustível, água, luz, telefone material de expediente. (MK)

### PRIORIDADE

Compare os gastos com a Copa de 2014 e os orçamentos municipais destinados à prevenção e combate à exploração sexual de crianças e adolescentes.



Fonte: Ministério dos Esportes, PNUD, PETI e orçamento anual de cada um dos municípios. Infografia: Gazeta do Povo.

### » FAVORECIMENTO

# Falta controle em hotéis e pousadas

Estabelecimentos facilitam entrada de garotas sem documentos. Em Recife e Salvador, recepcionista e mensageiro agenciam meninas para os hóspedes

por MAURI KÖNIG  
fotos ALBARI ROSA

Ainda no elevador do hotel 4 estrelas, na praia de Boa Viagem, em Recife, o hóspede recém chegado lança a pergunta: "Onde ficam as meninas?". De pronto, o mensageiro, um solícito senhor de uns 70 anos, se apressa para garantir bons préstimos. Dispunha de uma variedade de contatos, a escolher. Combinam a conversa para logo mais no saguão, a fim de acertar os detalhes. Tempo para ajustar a microcâmera, de modo a não perder os detalhes e a naturalidade da negociação.

"Hoje, por ser sábado, tenho que ligar pras meninas pra ver se elas estão em casa", avisa o mensageiro no saguão. "Nesse prédio tem uma", diz saindo à porta para apontar à esquerda. Remexe a carteira em busca do papel com o número anotado. "Agora, se for homem que atender, passa pra mim porque deve ser parente. É porque não é prostituta, de cabaré. São meninas que moram com a família, estudam, trabalham e saem com o hóspede se a gente chamar", esclarece.

Liga do celular do hóspede. "Tudo bem minha filha? Olha, eu tô com duas pessoas ilustres aqui no hotel, tão precisando de uma garotinha pra fazer uma massagem", diz. "Olha, aquela menina, será que ela tá em casa, a tua amiga? Então vamos fazer o seguinte, eu vou passar o telefone pra ele. Eu já falei pra ele o cachezinho de vocês. É gente da melhor qualidade", diz. "Essas duas, quando vêm, passam umas três horas, quatro horas, o tempo que vocês aguentarem". No hotel não haveria problema, ele iria garantir o acesso da menina.

**Sem documentos**  
Há sempre um discurso pronto e uma identidade para atestar a maioridade, ainda que a aparência as desmintam. O documento, em geral falso, é mais para evitar aborrecimentos com a polícia do que para garantir a entrada no hotel. Uma adolescente explica as facilidades para entrar no mesmo hotel em que o mensageiro faz o agenciamento. "Sei onde é, já fiquei lá, não paga taxa não", afirma ao descrever o interior do estabelecimento. "Já fiquei lá uma semana com um italiano".

"A gente saía pra jantar, ele comprava coisas pra mim no shopping. Quando foi embora, me deu 800 reais", diz. O italiano tinha em torno de 50 anos e até cogitou levá-la para a Itália. "Na época eu não tinha documento", revela. Disse que tinha perdido a identidade e assim teve a entrada faci-



Adolescente entra em hotel de Salvador, depois de ter sido agenciada pelo recepcionista para dois supostos clientes.

### PERCURSO

Equipe da Gazeta do Povo percorreu 10,5 mil km (ida e volta) para expor a exploração sexual infanto-juvenil em cinco cidades-sedes da Copa.



litada no hotel. Segundo ela, basta colocar uma roupa mais discreta, como calça jeans e blusa pouco decotada. Por isso, sempre carrega numa sacola algumas peças próprias para essas ocasiões.

As mesmas facilidades são encontradas em outros hotéis da praia de Boa Viagem. Uma adolescente que afirma ter 19 anos, mas cuja aparência revela não ter chegado aos 17, diz já ter frequentado hotéis aparentemente rigorosos na exigência de documentos das acompanhantes. Dias antes da entrevista, acompanhou um cliente a um hotel. "Pediram a identidade, eu disse que eu me esqueci. Ai me deixaram entrar".

### Mesmos vícios

O dono de uma pousada na região central de Recife, um alemão, faz um discurso moralista ao ser consultado sobre a eventual entrada de uma garota de programa. Não sem razão. A pousada havia sido fechada anos antes devido à presença de menores de idade nos quartos. Reabriu com outro nome, mas com os mesmos vícios. O hóspede recebe uma chave da entrada, já que após as 22 horas ninguém permanece na portaria. Pode-se entrar e sair com quem quiser, sem restrições. O mesmo aconteceu em pousadas onde a equipe da *Gazeta do Povo* se hospedou em Natal e Salvador.

### Loira ou morena?

Em Salvador, o recepcionista de um hotel atende aos hóspedes que buscam sexo proibido. Após nove minutos de tentativa, conseguiu falar com uma agenciadora. "Ela em si não faz programa. É aquela mulher que agencia as meninas. Ela tem morena, tem loira, tem alta, tem baixa", diz. E justifica os R\$ 200 cobrados pelo programa. "Pra entrar numa boate, o senhor paga quase R\$ 70, pra tirar a menina paga R\$ 100 à boate e mais 250 pra menina. Essa menina daqui não está em boate, ela vem aqui já, por isso cobra esse valor", explica.

"Se quiser aguardar, tem outra também", avisa. "Essas meninas vêm e oferecem o telefone. Às vezes já saíram dessas casas [boates], a gente pega e fica, e quando aparece alguém querendo, a gente passa", observa. O recepcionista também tranquiliza o hóspede sobre a entrada. "Aqui, não vou cobrar nada de vocês. Até porque se eu fosse cobrar, ia ficar caro pra vocês".

Rave e Lua, mãe e filha, são garotas de programa e habituais frequentadoras de hotéis em Salvador. "Em hotel, eles [turistas] pedem muitas garotas. Se não conseguir no próprio hotel, eles vêm à Barra e conseguem por conta própria, chegam lá pagam a hospedagem da garota. Mas se for indicado, eles dão uma gorjetazinha e tudo certo", explica Rave. Foi assim que Lua, aos 17 anos, ficou uma semana num hotel de luxo com um prefeito do interior da Bahia. "Se ele é o homem do pacote, vai ter problema? Não vai ter problema nenhum", observa Rave.

### Entrada livre

Entrar com adolescente num hotel de Fortaleza não é tão difícil como deveria. "Tive



Turistas acertam programa com adolescentes em Copacabana.

um cliente da Itália, tava hospedado num hotel na beiramar, um hotel cinco estrelas. Passei três meses com ele. Eu ia pro hotel uma vez na semana, duas vezes na semana. Ele comprou minha roupa completa de mulher. E me deu mil reais", diz Leonardo, michê de 18 anos, à época com 16. "Era mais procurado por turista, tinha mais cliente estrangeiro do que daqui", conta. Ele passava a semana nas ruas do bairro onde mora, na periferia, e no fim de semana fazia ponto na Praia de Iracema.

A três quadras da praia mais famosa de Fortaleza, na Rua Joaquim Alves, garotas de programa assediavam os hóspedes no saguão de um hotel de padrão médio. "Eu posso subir no quarto, os meninos me conhecem", tranquiliza o turista. "Eu fico por aqui (no saguão), ou então quando alguém quer, eles me ligam, porque eles têm meu número", diz. Costuma ficar no hotel até as 22 horas, depois vai para uma boate frequentada por turistas, a duas quadras da Praia de Iracema. "Um lugar de turismo sexual", informou um dia antes um guia informal que aborda os turistas no calçadão da Avenida Beira-Mar.

No Rio de Janeiro, as garotas de programa sugerem três hotéis em Copacabana. Um deles já foi alvo de investigação da Delegacia da Criança e Adolescente Víctima (Decav), mas continua a franquear a entrada de menores de idade. Em Natal, houve um período em que o dono de uma pousada só hospedava homens solteiros. "As famílias só davam problema e reclamavam quando eles [os turistas] traziam garotas de programa", explica. Foi assim que o negócio prosperou, a quadra e meia da praia de Ponta Negra.

## Pornoturistas são operários em seus países

O pornoturista chega com olhar cobiçoso, sem antes mirar-se no espelho da consciência. Suas razões estão fundadas numa lógica muito particular, ao imaginar-se num paraíso de sexo fácil. O típico turista sexual acorda por volta das 10 horas e vai à praia ciente de que lá encontrará garotas disponíveis. No fim da tarde, volta com uma delas ao hotel, sai com ela para jantar por volta das 20 ou 21 horas e dali emenda a noite. Os que não encontram companhia já sabem os lugares onde encontrar-las à noite. Seja Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Fortaleza ou Natal, cada cidade tem seus pontos propícios para o pornoturista.

A maioria dos pornoturistas vem da Itália, Alemanha, Espanha e Estados Unidos. São, em geral, homens com idades entre 30 e 50 anos, de classe operária ou média baixa, que aproveitam as férias para uma temporada de orgia a baixo custo. Já não é comum os voos charter lotados com esses turistas, mas ainda há disponíveis em alguns países da Europa pacotes que incluem a promessa de uma garota de programa à disposição do Brasil.

O tempo de umas férias não permite ao estrangeiro itinerante ter relações prolongadas, daí a opção por uma relação profissionalizada. Jactam-se de um status de importância, embora não tenham perfil para tanto. São, em geral, operários em seus países. "É o tipo de pessoa que junta 3 mil euros o ano todo pra passar uma semana aqui. Traz 3 mil euros e, multiplicado por duas vezes e meia (diferença do câmbio com o real), vai estar por baixo com 7 mil reais pra gastar em uma semana. "Quer dizer, tem mil reais para gastar por dia. Dá uma pinta de rico", diz um taxista habituado a transportar turistas do gênero em Fortaleza. (MK)

**"É o tipo de pessoa que junta 3 mil euros o ano todo pra passar uma semana aqui. Vai estar com 7 mil reais. Quer dizer, tem mil reais para gastar por dia. Dá uma pinta de rico"**

Taxista habituado a transportar pornoturistas em Fortaleza.

**Serviço**  
Esta série de reportagens, que começa hoje e se estende até quinta-feira, foi produzida a partir do projeto vencedor no 6º Concurso Tim Lopes de Jornalismo Investigativo.